

Reflexões sobre "A CASA DA CÔR" a construir em S. Paulo.

Segundo intenção dos seus iniciadores, a Casa da Côr terá propósito cultural: centro que permita, a camadas populares diversas, vivência e experiência ativa com côres em meio cinzento e poluído como é a cidade de São Paulo. Isto impõe ponto de partida específico para reflexões que tem a côr por objeto: a côr deve ser encarada enquanto fenômeno cultural, antes de ser considerada fenômeno natural, isto é problema do qual tratam diversas ciências da natureza, (ótica e biologia sobretudo). Ora, por surpreendente que isto possa ser, não dispomos de teoria cultural das côres que possa explicar satisfatoriamente a atual emergência das côres enquanto portadoras das informações culturais dominantes. Uma das funções da Casa da Côr projetada deve pois ser a de oferecer espaço para estudos e trabalhos que tenham a atual revolução das côres por tema.

Não pode haver dúvida que ~~xxx~~ estamos assistindo a radical transformação da cena cultural, provocada pela emergência de côres. Superfícies outrora consideradas cromaticamente neutras, (garrafas, latas, instrumentos, aparelhos domésticos, papel impresso, <sup>cartões</sup> etc.), passam atualmente a ser portadoras de côres berrantes. A arquitetura, por muito tempo prisioneira de materiais cromaticamente neutros, passa, com a introdução do cimento armado colorível, (veja-se as tentativas do Corbusier), e sobretudo com a aplicação de aço e vidro, a desfraldar toda uma paleta de côres, (veja-se Manhattan). Isto é: tanto a cena doméstica, ("privada"), quanto a cena urbana, ("política"), passam a ser codificadas em côres. E há mais isto: Outrora todas as côres eram reflexões diretas ou indiretas de raios solares, e atualmente são as côres que emanam de raios catódicos, (tela TV, tela de computador, em certo sentido as côres de hologramas), que informam preferencialmente. Tal transformação da cena cultural pela emergência da côr não pode ser "inocente". Trata-se, indubitavelmente, de sintoma da transição penosa cultural da qual somos testemunhas, vítimas e agentes: transição da cultura industrial, (moderna), para a cultura telemática, (pos-moderna). A Casa da Côr a ser construída, ao estudar a côr e trabalhar com ela, será pois, inevitavelmente e espontaneamente, espaço de reflexão sobre a crise cultural atualmente em curso.

.-.-.-.-.

Por quê não dispomos de teoria cultural da côr satisfatória, embora disponhamos de teorias da côr extremamente evo-

luidas pela ótica, pela eletro-magnética, pela biologia, pela psicologia, e por outras disciplinas? E de técnicas avançadas que se apoiam sobre tais teorias? Uma possível explicação dessa curiosa falha nas ciências humanas é esta: O papel das cores no contexto cultural tem oscilado violentamente, e aparentemente de maneira caótica, ao longo da história da nossa cultura, desde a Antiguidade até o presente. Períodos de alta coloração tem sido seguidos de períodos relativamente monocromáticos, sem que se possa constatar oscilação correspondente nas "ideologias" então dominantes. Toda teoria cultural da cor parece pois condenada ao fracasso, em vista da complexidade do processo. Darei alguns exemplos:

A polis clássica grega era altamente colorida, (embora tendamos a esquecer isto, já que as cores foram lavadas pelas chuvas). Ora, isto parece em contradição com a ideologia oficial, (a filosofia, sobretudo a platônica), a qual desprezava "aparências" e buscava as "essências", (as formas, as ideias). E a cultura helenística, (alexandrina), era relativamente incolor, (branca), embora não se possa constatar nenhuma modificação paralela no pensamento filosófico do momento. A cidade medieval, com suas janelas, suas roupas, e com as fachadas multicoloridas, era verdadeira explosão de cores, em violenta oposição à ideologia monástica e escolástica dominante. E era seguida da monocromia da reforma e contra-reforma, (por exemplo da severidade das trajes protestantes e espanholas), embora a ideologia renascentista e pos-renascentista tenha acentuado o interesse pelas "aparências", (pela "natureza" no sentido das ciências da natureza). Último exemplo: O cinzento da cultura industrial, ("cultura do carvão"), era interrompido, como que por relâmpago, pelo aparecimento do impressionismo e pos-impressionismo, (por exemplo pela cor de van Gogh de um lado, e pela busca da cor por Gauguin do outro), sem que se possa apontar explosão paralela no pensamento filosófico, científico ou político da época em causa. Aliás: a própria explosão atual da cor não parece estar de acordo com o pensamento formalista, funcional, calculador, computador, em suma: "estruturalista" e "cibernético" atualmente dominante.

Dada a complexidade por ora impenetrável da função da cor no contexto cultural, e dada a preponderância atual da cor na cena cultural, ficamos reduzidos, nestas reflexões a observação mais ou menos empírica da superfície da cultura. Teremos nisto em mente a célebre sentença de Goethe, (um dos iniciadores de reflexões sobre cores): "man suche nur nichts hinter den Erscheinungen, sie selbst sind das Geheime", (nada se procure por detrás das aparências, o mistério são elas mesmas).

Tal atitude "fenomenológica" revelará, imediatamente, que a coloração atual da cena cultural não é fenômeno universal, mas restrito ao chamado "mundo capitalista". Por exemplo: quem passar de Berlim ocidental para Berlim oriental vivenciará o muro enquanto barreira entre duas zonas de cromaticidade. Berlim ocidental, coberto de publicidade colorida, com vitrines que irradiam todas as cores do arco-íris, contrasta violentamente com o cinzento uniforme do outro lado. Experiência paralela é oferecida por visita à China. A recente infiltração de trajés ocidentais no oceano dos uniformes cinzentos e azuis maoistas deve ser ressentida pelos dirigentes, (e pelo próprio povo), como ameaça ao espírito de coesão e ao ardor revolucionário da massa. Ora: "uniforme" e "militar" são conceitos parentes. A cor parece funcionar, tanto em Berlim oriental quanto na China, como fator des-militantizante, por des-uniformizante. Tal interpretação é reforçada pela observação dos olhos escuros usados pelos generais-ditadores: não apenas protegem eles o portador de olhares críticos, mas igualmente diluem cores. Isto parece querer sugerir o seguinte slogan pos-Reichiano: "pintem, (muros ou qualquer coisa), em vez de fazerem guerra". No entanto, tal otimismo quanto à função des-uniformizante da cor se revela insustentável:

A maior concentração de coloração cultural, (e de capitais), se encontra atualmente em Manhattan. Ora, tal concentração de cores resulta, por salto dialéctica, em uniformização de segunda ordem. Em vez de informarem, as cores aglomeradas passam a redundantes. Washington Square pode servir de exemplo:

é freqüentada por portadores de cores berrantes. Por exemplo por negro gigantesco vestido de amarelo e vermelho, patinando sobre patins roxos, e conduzindo cachorrinha pintado de azul em corrente coberta de pedras de vidro colorido. Tal coloração excessiva impede que se receba informação qualquer que Washington Square porventura irradia. E o mesmo se aplica, mutatis mutandis, aos painéis publicitários em Times Square. E, em geral, ao excesso de cores dentro do qual estamos mergulhados. As cores berram, partindo de paredes, camisas, revistas, telas, vitrines e exposições de quadros, mas não as ouvimos: estamos ficando surdos em meio da berraria. Em outros termos: aglomeração de cores uniformiza tanto quanto o cinza.

Embora não dispunhamos de teoria cultural da cor, dispomos de outra teoria que ajuda explicar isto: O segundo princípio da termo-dinâmica implica que todo sistema fechado tende para a distribuição de mais em mais uniforme, (provável), dos seus elementos.

No entanto, isto não exclui que possam surgir, ao acaso,

ilhas de distribuição improvável, (ilhas negativamente entropicas), no interior do sistema. Tais ilhas são "informativas". Exemplos de tais ilhas improváveis no sistema "universo" são galáxias, organismos animados e sobretudo o cérebro humano. Tomando a cultura industrial, (moderna), como sistema mais ou menos fechado, constataremos nela tendência para distribuição de mais em mais uniforme, (provável), dos seus elementos, tendência esta que podemos chamar de "decentralizadora", ou de "distribuição de mais em mais justa". Do ponto de vista "côr", (enão apenas de tal ponto de vista), as sociedades ditas "socialistas" representariam atualmente o estágio mais avançado, mais provável, da cultura moderna: tendem mais para o cinza. E as sociedades neo-capitalistas, (pos-modernas), seriam atualmente ilhas negativamente entropicas, (improváveis, informativas), em meio de tal tendência, e isto se manifestaria pelo sua coloração, (sintoma de distribuição "injusta").

No entanto: as proprias ilhas neg-entropicas formam sistemas; parcialmente abertos, e parcialmente fechados. Enquanto sistemas abertos tais ilhas tendem para voltarem à correnteza geral da entropia. Exemplo: as galaxias, os organismos e o cerebros acabam mergulhando na tendência rumo à distribuição de mais em mais provável dos elementos do universo. E enquanto sistemas fechados tais ilhas tendem, elas também, rumo a distribuição provável. São elas informações que tendem, (como toda informação), a se des-informarem, a se uniformizarem. A atual redundância de côres nas sociedades pos-modernas seria sintoma da sua tendência para se tornarem de mais em mais prováveis, de menos em menos informativas.

Depois deste excurso para a teoria da informação o otimismo inicial: "côres informam" ameaça ceder seu lugar ao pessimismo: "as côres acabam des-infomando tanto quanto o cinza". Tal "plus ça change, plus c'est la même chose" não me parece, no entanto, justificado. Não há como negar, creio, que, ao termos irrompido do cinza industrial para a coloração atual, (do carvão para outras fontes de energia), efetivamente mudamos de clima cultural, e isto não apenas vivencialmente, (esteticamente), mas igualmente no que tange nossos valores, nossos conhecimentos, e nossos atos. Sob tal visão a coloração atual seria simultaneamente efeito de causas precedentes, (por exemplo abandono do carvão), e causa de efeitos futuros, (por exemplo abandono do código alfanumérico, da escrita "preto sobre branco", em prol de códigos imaginísticos coloridos). Como tais efeitos futuros são imprevisíveis, mas seguramente profundos, e como já começam a manifestar-se, proponho-me a analisar a atual emergência da côr na cena cultural a partir de um ângulo diferen

O universo das cores tem dois horizontes laterais, (o ultravioleto e o infra-vermelho), e dois horizontes verticais, (o branco e o preto). Ora, tal universo pode ser visualizado pelo famoso cilindro transparente: o manto do cilindro representa a linha "vermelho-roxo" retorcida sobre si mesma, o interior do cilindro permite visãõ da interação das várias tonalidades das cores, e as duas extremidades do cilindro se diluem gradualmente em direção da luz e das trevas. O importante para estas reflexões é o fato que toda cor, ao aproximar-se da brancura da luz, vai se tornando sempre mais clara, até deixar de ser cor e passar a ser o branco, e, ao aproximar-se da escuridão das trevas, vai se tornando sempre mais escura, até deixar de ser cor e passar a ser o preto. O que pode ser articulado da seguinte maneira: O universo das cores é região intermediária entre a luminosidade total e ausência total de luminosidade. (O centro de tal região intermediária, a igual distância de branco e preto, e o centro da linha que mede entre o ultra-violeto e o infra-vermelho, seria, destarte, o "centro do universo das cores", a saber aquele amarelo pelo qual Van Gogh deu a sua vida).

Ora, tal visãõ do universo das cores convida insistentemente a reflexões metafóricas, muito embora se saiba dos perigos que toda pensamento metafórico implica. Tais perigos devem ser assumidos pelas razões seguintes: (a) Metáforas "boas" não são gratuitas, mas apoiam-se sobre fatos; (b) todo pensamento é metafórico, inclusive nas ciências exatas, mas o é conscientemente e deliberadamente nas ciências da cultura; e (c) a metáfora é uma das armas mais poderosas da criatividade. Os termos "luz" e "trevas" ocorrem quase sempre em discursos que os empregam metafóricamente. Veja-se formulas como "esclarecimento", "iluminado", ou "esplêndido" de um lado, "obscurantismo", "noturno" e "obnublado" do outro. Não se resistirá pois à tentação de refletir sobre a atual explosãõ das cores na cena cultural como sendo fenômeno que distingue a cultura atual de épocas das trevas, (por exemplo o século 6 d.C.), e de épocas das luzes, (por exemplo século 18).

Antes de mergulharmos em tais reflexões, devemos considerar a contradição "luz/cor" nem sempre conscientizada. O excesso de luz mata a cor tanto quanto o faz a sua falta. Ao contrário do que afirma determinada ideologia tropicalista, os trópicos, com sua luminosidade forte, tendem a serem monocromáticos, (o que explica a sua "tristeza"). E os pintores da nossa tradição buscam a luminosidade toscana ou provençal por ser pouco intensa e difusa. A "luz da razão" torna a vida tão incolor e insípida quanto o fazem as trevas do misticismo, e não apenas de noite, também ao me

o-dia todas as vacas são cinzentas.

Se concebêrmos pois a cultura emergente das côres como sendo simultâneamente negação de culturas das trevas, (do mistério/ do misticismo), e de culturas das luzes, (das explicações e do racionalismo), teremos acesso a várias manifestações dificilmente captáveis da nova mentalidade. E sobretudo poderemos captar o impacto dos novos codigos coloridos, (das imagens "técnicas"), sobre a futura maneira de conhecer, vivenciar e valorar o mundo. Tais codigos novos vão se substituindo ao código alfanumérico, às letras pretas sobre fundo branco, o qual dominou a cultura moderna, sobretudo depois da introdução da escola primária obrigatoria no século das luzes. Eis o que está ocorrendo:

O código alfanumérico, (a "escrita"), procura explicar os fenômenos ao descrevê-los linearmente. Transforma, (transcodifica), todos os fenômenos em processos, (discursos que correm ao longo de linhas). O gesto de escrever e de lêr textos rebate sobre a consciência, e a transforma em "consciência histórica", isto é linear, causal, clara e distinta. Os novos codigos coloridos, pelo contrário, (por exemplo as imagens TV, as sintetizadas por computador, ou os hologramas), procuram imaginar os fenômenos ao simulá-los sobre planos. Transcodificam, com efeito, todos os processos, (eventos), em cenas coloridas. (Exemplo impressionante de tal transcodificação são as imagens sintetizadas e coloridas de equações fractais e de cálculos de probabilidade). O gesto de programar tais imagens e de decifrá-las rebaterá necessariamente sobre a consciência, e a transformará em "consciência imaginativa" pos-histórica, pos-alfabética, pos-explicativa.

Mas a situação é mais complexa. As novas imagens coloridas não vão sendo codificadas diretamente com símbolos imagísticos, (côres, formas, contornos), como o era o caso das imagens precedentes. Vão sendo programadas em codigos digitais, isto é com símbolos que são pontos. A nova imaginação é resultado de ~~de~~ "cálculo" prévio, e a nova "consciência imaginativa" não deve ser confundida, de forma alguma, com a consciência imaginativa precedente. A cor das imagens novas não é resultado de "intuição", mas de escolha deliberada a partir de paleta cujas variações ultrapassam de longe a capacidade do olho de distinguir entre côres. Não se trata, pois, na coloração atual da cultura, de volta para situação pré-moderna, pré-racional, pré-científica, mas de avanço rumo a situação trans-racional, jamais realizada previamente.

Ora, face a tal situação somos "analfabetas". Apenas alguns poucos especialistas sabem manejar os codigos novos, e decifrá-los. O grande público recebe as mensagens coloridas na

mesma postura de submissão e espanto que caracterizava a massa ajoelhada face às leis escritas em bronze e pedra na época da invenção do alfabeto. Em vez de decifrar as informações, as "adora". O perigo disto é obvio: divisão da sociedade futura em elite de "letrados", (programadores), e em massa de "iletrados", (programados).

Fois isto me parece ser o verdadeiro proposito da Casa da Côr a ser construída em São Paulo: servir de lugar de ensino e de aprendizagem dos novos codigos coloridos, afim de lutar contra o estabelecimento de totalitarismo programador da sociedade. Confesso que é este o motivo do meu engajamento em tal empresa.

.-.-.-.é.

As reflexões que acabo de submeter à atenção dos iniciadores do projeto são meros esboços. O campo é vasto demais para poder ser abarcado em curto ensaio como o é este. No entanto, espero ter acentuado o que me parece ser o essencial da aventura toda: estabelecer lugar no qual se vivencia, conheça e reflita sobre a crise cultural atual sob o parâmetro "côr", e no qual se procure agir sobre ela.